

Processo de Elevação da Pretônica /e/ e Harmonização Vocálica em Variedades Urbanas do Português do Brasil e do Português de São Tomé

Fabiane de Mello Vianna da Rocha Teixeira Rodrigues do **NASCIMENTO***

* Doutorado (2018) e Mestrado (2013) em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Contato: fabyufrj@gmail.com.

Resumo:

Este artigo pauta-se em preceitos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001) para analisar a influência do processo de harmonização vocálica na elevação da pretônica /e/ no Português do Brasil e no Português de São Tomé. Poucos são os trabalhos sobre as variedades africanas do Português e sobre os crioulos de base portuguesa. Por isso, as características do sistema fonológico dessas realidades continuam carentes de investigação. Resultados de Rocha (2018a) sobre a variedade urbana santomense confirmam a hipótese de Marquilhas (2003), de que o Português de São Tomé se aproxima do “Português do Brasil na manifestação do fenômeno da harmonização vocálica e na insubmissão à regra geral da redução”, recorrente no Português Europeu. Ademais, sugerem semelhanças com o que se verifica nos crioulos de base portuguesa e, em especial no Forro, o mais falado na região. Optou-se, assim, por compará-los àqueles divulgados em Yacovenco (1993) e Rocha (2013) sobre alguns municípios do Rio de Janeiro e às descrições de Ferraz (1979, 1987) e de Hagemeyer (2009) sobre o vocalismo nos crioulos do Golfo da Guiné. Almeja-se demonstrar, nas variedades não europeias do Português, a influência da vogal alta subsequente no alteamento da pretônica anterior, tendência já confirmada em muitas línguas.

Palavras-chave:

Harmonização vocálica. Português do Brasil. Português de São Tomé.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 23, n. 3, p. 28-43, dez. 2020

Recebido em: 04/05/2020

Aceito em: 27/10/2020

Processo de Elevação da Pretônica /e/ e Harmonização Vocálica em Variedades Urbanas do Português do Brasil e do Português de São Tomé

Fabiane de Mello Vianna da Rocha Teixeira Rodrigues do Nascimento

INTRODUÇÃO

Em suas descrições sobre o vocalismo no Português do Brasil (doravante PB), Camara Jr (1970) propõe que o número de fonemas vocálicos varia de acordo com a posição do segmento quanto ao acento, atingindo seu limite máximo de distinção na matriz tônica. Segundo o autor, nessa posição, existem sete unidades distintivas que se reduzem, por neutralização, a cinco, quatro e três fonemas nos ambientes pretônico, postônico não-final e final, respectivamente.

A neutralização ou anulação de um ou mais traços distintivos efetiva-se, nas sílabas pretônicas, entre os segmentos médios abertos e fechados tanto na série anterior quanto na posterior. Tal padrão se comprova em palavras como “pesar” e “morar”, cujas pronúncias abertas ou fechadas das vogais – p[ɛ]sar ou p[e]sar e m[ɔ]rar ou m[o]rar, respectivamente – não implicam mudança de sentido, como ocorre em contextoônico: são apenas variantes de um mesmo elemento fonológico, os chamados arquifonemas /e/ e /o/. Note-se, no entanto, que, esses quatro segmentos – [e], [ɛ], [o] e [ɔ] – podem ocorrer na fala, constituindo marcas dialetais e coatuando, a depender do ambiente linguístico, com as vogais altas. Essa última possibilidade, classificada como alçamento ou alteamento e facilmente verificável em todos os dialetos do PB, culmina em uma neutralização esporádica entre vogais médias e altas, conhecida como debordamento (CAMARA JR, 1970, p. 45).

Por apresentar distintas motivações e/ou restrições a depender do indivíduo, da situação comunicativa, da comunidade de fala e do item lexical, dessa temática ocuparam-se, numa perspectiva quer fonética, quer fonológica, Camara Jr. (1970, 1977), Bisol (1981, 2003), Callou e Leite (1986), Callou, Leite e Coutinho (1991), Silva (1991), Yacovenco (1993), Cardoso (1999), Brandão e Cruz (2005), Marques (2006), Oliveira (2008), Rocha (2013), dentre vários outros. A maioria dessas abordagens confirma a atuação dos processos de harmonização e de redução vocálicas. No primeiro caso, a presença de uma vogal alta tônica sucedendo a pretônica motivaria a elevação. Por outro lado, na redução, “as vogais se tornam articulatoriamente mais próximas dos segmentos consonantais adjacentes”, pois integram um ambiente fonológico em que “não há, na palavra, vogal alta que possa desencadear o processo de alçamento” (CARMO, 2009, p. 24).

Como se verifica, o fenômeno variável em pauta é “um dos pontos mais importantes, mas também dos mais obscuros da história do português” (TEYSSIER, 1980, p. 68), sobretudo se comparadas as distintas variedades da língua faladas no mundo. Marquilhas (2003) acredita que, como língua oficial de um cenário multilíngue, o Português de São Tomé (doravante PST) se aproxime dos crioulos africanos de base portuguesa, principalmente do Forro, e venha “arrumar-se ao lado do Português do Brasil na manifestação do fenômeno da harmonização vocálica e na insubmissão à regra geral da redução” (p. 7), predominante no Português Europeu.

Este estudo observa a influência do processo de harmonização vocálica na elevação da vogal pretônica /e/, no Português do Brasil e no Português de São Tomé. As variedades africanas constituem sistemas cujas fonética e fonologia “estão praticamente por desbravar” (HAGEMEIJER, 2016, p. 48). Por isso, almeja-se comparar os resultados dos estudos de Yacovenco (1993) e de Rocha (2013), sobre municípios do estado do Rio de Janeiro, e de Rocha (2018a), sobre a variedade urbana de São Tomé, às análises de Ferraz (1979, 1987)

e de Hagemeyer (2009), sobre as línguas autóctones faladas nas ilhas de São Tomé e Príncipe. Esses autores comentam o vocalismo nos crioulos do Golfo da Guiné, ainda que não se aprofundem tanto na pauta pretônica como as outras abordagens selecionadas. Ressaltam-se, ainda, nas pesquisas variacionistas sobre o Rio de Janeiro e sobre São Tomé, os resultados relativos à variável tipo de vogal da sílaba subsequente à pretônica anterior. Almeja-se demonstrar que, descartados os contextos (semi)categoricos de elevação e as peculiaridades de cada investigação, a tendência, em diferentes línguas, de a vogal alta subsequente motivar o alteamento da pretônica /e/ se manifesta nas variedades do Português analisadas.

Para tanto, sucedem esta introdução: i) preceitos da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 1972, 1994, 2001), vertente teórica que fundamentou a maioria dos estudos sobre o tema focalizado; ii) breves comentários sobre o processo de harmonização vocálica; iii) descrições sobre a atuação desse processo no estado do Rio de Janeiro (cf. YACOVENCO, 1993 e ROCHA, 2013), em crioulos do Golfo da Guiné (cf. FERRAZ, 1979, 1987 e HAGEMEIJER, 2009) e na variedade urbana do PST (cf. ROCHA, 2018a), respectivamente; iv) algumas considerações finais; e v) as referências bibliográficas que nortearam a proposta.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA OU TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança foi proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e consolidada pelos estudos de Labov na década de 1970.¹ Trata-se de uma corrente que parte do princípio de que a variação e a mudança resultam da atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos, relacionando diretamente heterogeneidade social e heterogeneidade linguística. As análises, com base na comunidade de fala, propõem que, embora as variantes presentes na realidade dialetal e individual pareçam desordenadas, elas são previstas pelo sistema e, portanto, intrínsecas à língua. Enquanto metodologia, na busca por dados consistentes, a Sociolinguística prioriza, dentre outros aspectos, a aliança entre escolha de informantes que representem realidades significativas e um contexto de entrevista que estimule manifestações linguísticas com o mais alto grau de naturalidade possível.

Segundo Labov, a seleção dos informantes se dá de forma aleatória, porém estratificada. O que se quer dizer é que a organização dos dados se efetiva em células que ilustram variáveis sociais. Tal fato permite que cada fenômeno linguístico estudado seja interpretado como um conjunto de manifestações reais, das quais o falante e/ou a comunidade de fala dispõem. Demonstra, ainda, que a opção entre as muitas variantes existentes resulta da interferência direta de aspectos estruturais (o contexto linguístico em que se situa o segmento analisado) e sociais (fatores extralinguísticos, tais como faixa etária, sexo, grau de escolaridade, grau de formalidade, zona de residência, entre outros).

Dessa forma, respeitando axiomas como a heterogeneidade ordenada da língua, as realidades social do indivíduo e contextual do segmento, o grau de formalidade do discurso e a presença de dados coerentes e consistentes, a Sociolinguística Variacionista tem se firmado como um dos métodos atuais mais sólidos para estudos linguísticos, sobretudo os que dizem respeito ao vocalismo átono no Português.

A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA NA APLICABILIDADE DA REGRA DE ALTEAMENTO

Conforme se ressaltou na introdução deste artigo, a maioria das abordagens sobre o alteamento em vogais médias pretônicas no Português enfatiza a atuação dos processos de harmonização e de redução vocálicas.

¹ Weinreich, Labov e Herzog (1968) apresentam a fundamentação empírica de uma possível teoria sobre a mudança linguística. Nela, esclarecem o conceito de heterogeneidade ordenada, fundamental para o desenvolvimento da Teoria da Variação ou da Sociolinguística Quantitativa, publicada por Labov em 1972.

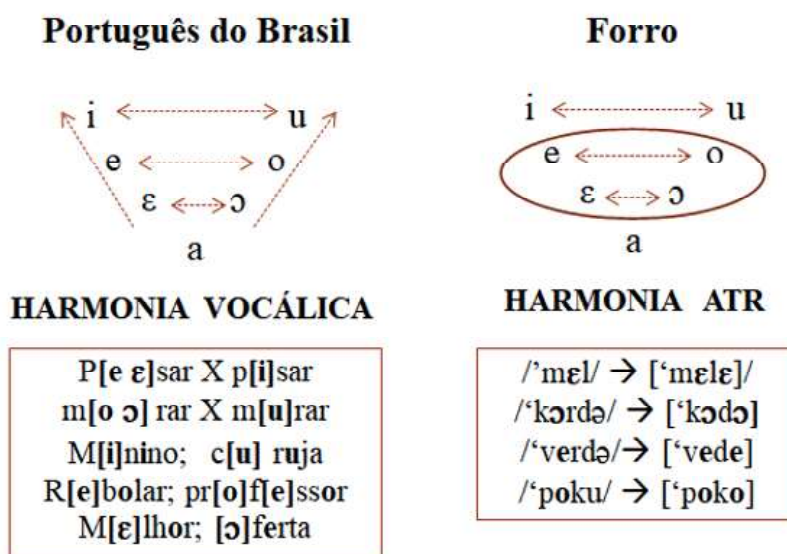
Atendendo aos objetivos desta proposta, ressaltam-se, nesta seção, algumas informações sobre a harmonização vocálica, tendo em vista a influência da natureza da vogal da sílaba seguinte à pretônica na elevação/manutenção/abertura de seu timbre, por se tratar de um fenômeno recorrente em diferentes línguas que também se legitima no Português e nos crioulos dele originados.

Em seus estudos pioneiros sobre o PB, Camara Jr (1970) salienta a ocorrência de assimilação do traço [+alto] entre as vogais tônica e média pretônica de um mesmo vocábulo e interpreta o acento como uma condição *sine qua non* para a relação entre esses segmentos. O alçamento da vogal média parece resultar de uma assimilação, pois “muda a qualidade de uma ou mais vogais do vocábulo para harmonizar-se com outra [...] presente no mesmo” (LEMLE, 1996 *apud* SILVEIRA, 2008, p. 29). A neutralização e a harmonia vocálicas corresponderiam, assim, a mudanças na “abertura da cavidade oral, caracterizadas através do traço binário [aberto], que se desdobra em vários graus” (WETZELS, 1992 *apud* COLLISCHONN; SILVA, 2013, p. 6).

Muitos trabalhos de cunho variacionista têm pontuado a harmonização vocálica entre a pretônica e a vogal subsequente. Eles comprovam a tendência assinalada por Lemle (1996 *apud* GRAEBIN, 2008, p. 116), sugerindo que “vogais altas favoreceriam a elevação – pirigo, currida; [...] médias levariam à manutenção da pronúncia média – rebolá, professor; e [...] baixas tenderiam a abaixar a altura da pretônica – melhor; oferta”. Bisol (1981 *apud* BRANDÃO; ROCHA; SANTOS, 2012) atribui o processo à existência de um “gatilho” adjacente: a presença de uma vogal alta (tônica ou átona) sucedendo a pretônica impulsionaria a elevação. Vocábulos como “mexerica”, pronunciados como “mex[i]rica” ou “m[i]x[i]rica”, mas, nunca como “*m[i]xerica” indicariam, ainda, que “a implementação da regra não daria saltos” e que “entre as vogais altas, [i] teria mais força assimilatória do que [u] em virtude da própria configuração da cavidade bucal, cuja área anterior, no eixo vertical, apresenta maior espaço articulatorio do que a posterior” (p. 14).

Como se verifica, trata-se de processos de transferência de traços, que culminam com o preenchimento, quando motivados pela vogal média ou baixa, ou com a mudança, se condicionados pela alta (cf. BISOL, 2003, p. 10). Para alguns, na verdade, a elevação envolve uma dimensão de altura, “representada pelo traço [+alto] ou por um traço escalar de abertura” (CLEMETS; HUME, 1995 *apud* COLLISCHONN; SILVA, 2013, p. 6). Em contrapartida, o abaixamento da pretônica corresponderia a um caso de harmonia ATR, envolvendo o movimento da raiz da língua (cf. LEE; OLIVEIRA, 2003 *apud* COLLISCHONN; SILVA, 2013, p. 6), como ocorre no Forro, por exemplo, crioulo mais falado em São Tomé:

CONTEXTO PRETÔNICO



Fonte: Rocha (2018b).

Figura 1 – Harmonia vocálica e harmonia ATR no Português do Brasil e no Forro

Finalmente, visando a elucidar as motivações norteadoras desse fenômeno extremamente variável em Português, em conformidade com Calabrese (1985), Collischonn e Silva (2013) propõem a combinação “de traços de altura” e “um traço referente à posição da raiz da língua [ATR] (*Advanced Tongue Root*), [...] utilizado para a caracterização da harmonia nas línguas banto” (p. 6).

A PAUTA PRETÔNICA EM DIFERENTES VARIEDADES DO PORTUGUÊS E EM CRIoulos DO GOLFO DA GUINÉ

Grosso modo, PB e PE possuem quadros átonos distintos: enquanto naquele sistema a variação prevalece, neste a regularidade das posições não acentuadas é maior, sobretudo devido ao processo de redução vocálica. Os resultados de Rocha (2018a) sobre o PST sugerem a baixa incidência de vogais abertas e uma maior proximidade com o que se verifica nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil. Por isso, adiante, destacam-se algumas das informações publicadas em: i) Yacovenco (1993) e em Rocha (2013), sobre o processo de harmonização vocálica no estado do Rio de Janeiro; ii) em Ferraz (1979, 1987) e Hagemeyer (2009), sobre o vocalismo nos crioulos do Golfo da Guiné; e iii) em Rocha (2018a), sobre a variedade urbana do português santomense, respectivamente.

A Harmonização Vocálica no Estado do Rio de Janeiro

A variação em contexto pretônico é um fenômeno muito antigo em nossa língua, já descrito por filólogos (NASCENTES, 1922; TEYSSIER, 1980; SILVA NETO, 1988) e dialetólogos (AMARAL, 1920; MARROQUIM, 1934; TEIXEIRA, 1938). As abordagens sobre a temática intensificaram-se, entretanto, após a década de 1970, quando se desenvolveram, no Brasil, estudos de cunho variacionista. A aliança entre aspectos gramaticais e sociais permitiu esboçar uma visão geral das características que presidem à implementação das variantes e, hoje, conhecem-se muitas investigações cujo objeto de estudo é a complexidade da flutuação fonética inerente à sílaba pretônica (cf. CAMARA JR., 1970, 1977; BISOL, 1981, 2003; CALLOU; LEITE, 1986; CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991; SILVA, 1991; YACOVENCO, 1993; CARDOSO, 1999; VIEGAS, 2001; SCHWINDT, 2002; BRANDÃO; CRUZ, 2005; HORA; SANTIAGO, 2006; MARQUES, 2006; OLIVEIRA, 2008; ROCHA, 2013, dentre vários outros que constam das Referências deste artigo).

Sobre a atuação do processo de harmonização vocálica na elevação da pretônica /e/, no estado do Rio de Janeiro destacam-se os estudos de Yacovenco (1993) e de Rocha (2013). O primeiro aborda a fala culta carioca, investigando parte do *corpus* NURC/RJ.² Já o segundo investiga tanto a fala culta quanto a popular da região metropolitana, com base em entrevistas realizadas com indivíduos residentes no município de Nova Iguaçu.

A Harmonização Vocálica na Fala Culta da Cidade do Rio de Janeiro

Yacovenco (1993) observou dezoito informantes do *corpus* NURC/RJ da década de 1970, distribuídos igualmente por sexo, três faixas etárias e três distintas zonas de residência, ponderando as ocorrências de manutenção, alteamento e abaixamento na amostra. Apesar de oferecer uma visão mais abrangente das médias pretônicas, visa a estabelecer os fatores condicionantes para a manutenção do timbre fechado no dialeto, partindo do pressuposto de que a regra de manutenção seria a “norma-padrão da comunidade culta carioca” e

² Callou, Leite e Coutinho, como se poderá verificar na bibliografia, realizaram os primeiros estudos sobre as médias pretônicas na fala carioca. Optou-se, no entanto, por comentar apenas o estudo de Yacovenco não só por sua maior abrangência, mas também por se basear em alguns dos inquéritos levados em conta pelos referidos pesquisadores.

representaria “uma tentativa de restauração do sistema lingüístico, [...] ligada a uma tentativa de os falantes cultos aproximarem sua pronúncia da grafia oficial” (p. 172).

A comparação entre as entrevistas de homens e mulheres, residentes das zonas norte, sul e suburbana, divididos igualmente entre jovens, meia idade e idosos, confirma essa afirmativa, pois “a faixa etária referente aos jovens, os informantes do sexo feminino e os residentes na zona norte são os que mais favorecem a regra de manutenção, quando contraposta à de alteamento. Por outro lado, os informantes do sexo masculino e os moradores da zona sul são os que mais inibem essa regra” (YACOVENCO, 1993, p. 173).

No âmbito estrutural, avalia a distância entre a vogal em foco e outra alta presente na palavra, o timbre das vogais tônica e da átona subsequente, a natureza da atonicidade da sílaba, cujo núcleo é pretônico, e o ponto de articulação das consoantes adjacentes.

Inicialmente, ela apresenta sete variantes da variável dependente, restritas, em uma etapa posterior, a cinco, em virtude das similaridades fonéticas dos vários tipos de ditongos pré-estabelecidos e da escassez de dados na amostra. O Quadro 1 ilustra a distribuição geral das ocorrências e justifica a combinação dos casos de ditongação em um mesmo grupo.

Quadro 1 – Distribuição de vogais pretônicas na fala culta carioca, de acordo com as diferentes variantes de uma mesma variável dependente

TIPO DE VOGAL	Oco.	%
Anterior oral	2070	49,4
Posterior oral	1188	28,4
Anterior nasal	535	12,8
Posterior nasal	264	6,3
Ditongo pleno	91	2,2
Ditongo reduzido	37	0,9
Ditongo reduzido e alteado	4	0,1

Fonte: Yacovenco (1993 *apud* Rocha, 2018a, p. 63).

As vogais orais correspondem a 78% (3.258 exemplos) das 4.189 ocorrências totais, sendo as anteriores mais recorrentes do que as posteriores. Grosso modo, nesse recorte: i) constata-se índices superiores de manutenção do timbre médio (63,8%), em detrimento das pronúncias alçadas [i u] (32,9%) e, em níveis muito reduzidos (3,3%), vogais de timbre aberto [ɛ, ɔ]; e ii) tanto os casos de abaixamento quanto os de elevação parecem decorrer, principalmente, da atuação da harmonia vocálica. Por sua representatividade e atendendo aos objetivos deste artigo, prioriza-se, nesta seção, apenas a elevação na vogal oral /e/.

A observação das pronúncias altas envolve a eliminação dos dados em que a regra se aproxima ou ultrapassa os 90% de aplicação. Trata-se de vogais anteriores iniciais travadas por /S/ (89,2%); da forma des-, prefixal ou não, (87,5%); e, ainda, das vogais anteriores precedidas por consoantes africadas (100%). Descartadas tais ocorrências, o tipo de vogal presente na sílaba acentuada da palavra torna-se o grupo de fatores mais “importante para a atualização das regras variáveis, posto que está relacionado à regra de harmonização vocálica, isto é, à influência da vogal tônica sobre a pretônica” (YACOVENCO, 1993, p. 96).

Em favor da aplicação do alçamento em /e/, atuam tanto o segmento alto homorgânico (p.r. 0,74)³ quanto o não homorgânico (p.r. 0,72). Em contrapartida, a pronúncia [e] parece ser proveniente da presença de segmentos de mesmo timbre (p.r. 0,59) e baixos (p.r. 0,54) no vocábulo.

³ Indicam-se entre parênteses os pesos relativos obtidos nas análises comentadas.

Quadro 2 – Índices de manutenção e de alçamento da vogal pretônica /e/ em função da variável Tipo de vogal tônica contígua na fala culta carioca

Tipo de vogal tônica contígua	Exemplos	Manutenção			Alteamento		
		Oco.	%	P.R.	Oco.	%	P.R.
Alta não homorgânica	nenhum	23	59	0,28	1	38,5	0,72
Alta homorgânica	conhecimento	197	58	0,26	1	42	0,74
Baixa	hierarquia	353	78	0,54	22	17	0,46
Média	acontecer, espero, depois, senhora	488	82	0,59	18	15	0,41

Fonte: Yacovenco (1993 *apud* Rocha, 2018a, p. 68).

A Harmonização Vocálica no Município de Nova Iguaçu/RJ

Rocha (2013) trata das médias pretônicas na fala de Nova Iguaçu, município situado na região metropolitana do Rio de Janeiro. Com o intuito de descrever motivações estruturais, sociais, lexicais e idioletais, em ambas as séries, a investigação se divide em duas etapas. Em um primeiro momento, cogitou-se a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o fenômeno variável. Em seguida, listaram-se os itens em que as ocorrências se apresentaram, para avaliar a relevância do léxico e dos comportamentos individuais na difusão da mudança. A análise variacionista envolveu 19.079 ocorrências (11.378 referentes a /e/ e 7.280 a /o/), separadas por variante no Quadro 3:

Quadro 3 – Distribuição das ocorrências de alteamento, manutenção, abaixamento e ditongação de /e/ e de /o/, na fala de Nova Iguaçu/RJ

Variante	Exemplos		Pretônica /e/	Pretônica /o/
[i u]	Cons[i]guir, c[u]meço	Oco.	3.861	1.885
		%	34	24,5
[e o]	p[e]ssoas, j[o]rnal	Oco.	7.158	5.314
		%	63	69
[ɛ ɔ]	B[e]líssimas, B[ɔ]tafogo	Oco.	96	81
		%	1	1
[ej ow]	r[e]spondeu, c[ow]ntrole	Oco.	263	421
		%	2	5,5
Total de ocorrências			11.378	7.701

Fonte: Rocha (2018a, p. 73, adaptado de Rocha, 2013).

Uma vez eliminados os casos (semi)categoricos e os dados de abaixamento, a pouca produtividade das variantes [i] e [u] ratifica a perspectiva de Yacovenco (1993) de que a manutenção seria a norma no dialeto investigado. Representando as concomitantes influências estrutural e social no fenômeno do alçamento pretônico, dos quatorze grupos postulados, oito foram selecionados para /e/, a saber: qualidade da vogal da sílaba seguinte, modo de articulação da consoante precedente, modo de articulação da consoante seguinte, classe gramatical do vocábulo e itens isolados, nasalidade, ponto de articulação da consoante precedente, ponto de articulação da consoante seguinte e faixa etária, respectivamente.

Peculiaridades à parte, a variante [e] se mostrou mais provável quando, após a vogal alvo, se encontram segmentos não altos. Em contrapartida, demonstrando a importância do processo de harmonia vocálica, a contiguidade com a vogal [i], principalmente, tônica, se destacou como ambiente favorável à pronúncia alta (p.r. 0,95).

Quadro 4 – Índices de alçamento da vogal pretônica /e/ em função da variável Tipo de vogal contígua na fala de Nova Iguaçu/RJ

Variável Tipo de vogal contígua		Exemplos	[i]		
			Oco.	%	P.R.
Vogal tônica (oral/nasal/ nasalizada)	Alta homorgânica	aprendi	460/882	52	0,95
	Alta não homorgânica	segundo	87/172	51	0,73
	Não alta	diferença, entregue, futebol, direção	196/3.543	5,5	0,29
Vogal átona (oral/nasal/ nasalizada)	Alta homorgânica	desperdiçar	104/550	19	0,81
	Alta não homorgânica	educação	29184	16	0,74
	Não-alta	elementar, aeroporto, levantamento	70/882	8	0,31

Fonte: Adaptado de Rocha (2013, p. 111).

O Vocalismo em Crioulos do Golfo da Guiné

Entre as poucas pesquisas fonético-fonológicas sobre as línguas faladas nas Ilhas de São Tomé e Príncipe já divulgadas, priorizam-se as descrições de Ferraz (1979, 1987) e de Hagemeyer (2009). Os estudos de Ferraz tecem generalizações a respeito do Forro ou Santome (1979) e de outros crioulos de base portuguesa, encontrados na Ásia e no Oeste da África (1987). São análises gerais e pioneiras que apontam aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais dos sistemas em foco. Aprofundando algumas observações expressas nessas primeiras abordagens, Hagemeyer (2009) explica o processo de aglutinação das vogais iniciais nos crioulos do Golfo da Guiné e interpreta a harmonia vocálica como uma das possíveis motivações para o fenômeno.

Segundo Ferraz (1979, p. 29), o Forro apresenta uma série de mecanismos – morfológicos e fonológicos – que viabilizam a incorporação de palavras da língua de superstrato, o Português Europeu. Como os demais crioulos do Golfo da Guiné, seu sistema vocálico se constitui de sete segmentos orais e se submete ao processo de harmonia, fenômeno recorrente nas línguas em geral, partilhado pelo Português e por outros idiomas dos grupos Banto e Kwa (p. 49). Mais precisamente, nesses crioulos, constatam-se “exemplos de um tipo de harmonia vocálica que é a preferência em vez da assimilação completa”⁴ (p. 19). Trata-se de uma característica fonológica essencial, baseada em aspectos fonêmicos e morfofonêmicos: uma tendência, nem sempre sistemática, “à ocorrência da mesma vogal em duas sílabas consecutivas dentro de um morfema”⁵ (p. 25). O acento da palavra incorporada ao crioulo corresponde àquele da forma original do Português. Nesse sentido, respeitando certas regras habituais de conversão de fonemas, a vogal do Forro, determinante para a harmonia, seria absorvida da língua de superstrato, tendendo a aproximar-se articulatoriamente dela:

⁴ In ST there are also examples of a type of vowel harmony which is preference rather than complete assimilation. Usually the preference is not completely systematic.

⁵ vowel harmony consists in a tendency for the same vowel to occur in two consecutive syllables within a morpheme.

Quadro 5 – Palavras do Forro, em que se verifica o processo de harmonia vocálica, selecionadas por Ferraz (1979)

PALAVRA DE ORIGEM (PORTUGUÊS)	PALAVRA INCORPORADA (FORRO)	TRADUÇÃO
/ˈk ɔ rd ə /	[ˈk ɔ d ɔ]	“Corda”
/ˈdɔr/	[ˈdolo]	“Dor”
/iz ɐˈb ε l/	[zeˈbe]	“Isabel”
/ˈlargu/	[ˈlalugu]	“Largo”
/ˈm ε l/	[ˈm ε l ε]	“Mel”
/ˈɔ dyu/	[ˈɔ j ɔ]	“Ódio”
/p əˈdir/	[pɪˈji]	“Pedir”
/ˈpoku/	[ˈpoko]	“Pouco”
/pr əˈsizu/	[plɪˈsizu]	“Preciso”
/s ɐˈber/	[seˈbe]	“Saber”
/ˈverd ə /	[ˈvede]	“Verde”
/v ə rˈdad ə /	[v ε ˈd ε]	“Verdade”

Fonte: Adaptado por Rocha (2018a, p. 77).

Mesmo em proporções distintas, exemplos extraídos de dois crioulos ainda falados nas ilhas de São Tomé e Príncipe, Lung’Ie e Angolar, sinalizam que, nesses sistemas, a vogal átona também “copia a vogal tônica”⁶ de modo harmônico (FERRAZ, 1987, p. 343):

Português → Lung’Ie Português → Angolar
 “mel” → /ˈm ε l ε / “saber” → /seˈbe/

Complementando as descrições de Ferraz (1979, 1987), Hagemeyer (2009) avalia a recorrência da aglutinação de vogais iniciais em um grupo mais específico de palavras que compõem o inventário dos crioulos do Golfo da Guiné: itens etimologicamente iniciados por consoantes na língua de superstrato. Para o autor, os crioulos do Golfo da Guiné partilham não só a base lexicadora, mas também, derivam da expansão no tempo e no espaço de uma protolíngua, o protocrioulo do Golfo da Guiné. A aglutinação de vogais iniciais no protocrioulo seria determinada pelo gênero em Português e por um reduzido sistema-ATR, aparentemente de origem edoide. O fenômeno é, assim, motivado por questões morfológicas de gênero e fonológicas de harmonia vocálica (HAGEMEIJER, 2009, p. 38).

Reiterando o exposto em Ferraz (1979), Hagemeyer (2009) afirma que os crioulos do Golfo da Guiné utilizam o mesmo inventário vocálico do Português padrão com 7 vogais orais [a e ε i o ɔ u]. Aquela tendência à mesma vogal ocorrer em duas sílabas consecutivas dentro de um morfema (FERRAZ, 1979, p. 25) deve, todavia, ser interpretada como um caso de assimilação, pois a harmonia vocálica nos crioulos em foco é um fenômeno mais restrito ao domínio das vogais médias (HAGEMEIJER, 2009, p. 37). Não existem muitos trabalhos sobre as restrições fonológicas envolvidas na aglutinação de vogais iniciais, mas, nos crioulos do Golfo da Guiné, são recorrentes casos como os extraídos do Santome e listados no Quadro 6:

⁶ *copies the stressed vowel*

Quadro 6 – Palavras dissilábicas em Santome

V2	i	u	E	ɛ	o	ɔ	a
V1							
i	Ligi	migu	izê (esteira,cama)	Mile	libo	Jinklo	Mina
u	Buli	mulu	Ubwê (boi)	kume	-	-	Uswa
e	Sêji	dêsu	Vêndê	-	-	-	Zema
ɛ	Peli	petu	-	vede	-	Tebo	Bega
o	Sôtxi	wôdu	Ômê	-	pôvô	-	Lopa
ɔ	Doxi	mosu	-	love	-	Kodo	Bola
a	mali (mar)	matu (mato)	Padê	manse	kasô	Avo	Faka

Fonte: Rocha (2018a, p. 79, adaptado de Hagemeyer, 2009, p. 37).

Essas palavras dissilábicas indicam que, no Santome, i) as vogais baixa e altas não determinam a qualidade dos sons adjacentes; e ii) manifestam-se restrições de coocorrência motivadas pelas vogais médias. Nesse sentido, ao menos em itens dissilábicos, verifica-se uma regra de harmonia consistente que restringe a coocorrência de segmentos médios abertos e médios fechados (HAGEMEIJER, 2009, p. 37).

Na tentativa de esclarecer a origem do processo, o autor observa alguns dados diacrônicos e alega: em um momento inicial da formação do protocioulo do Golfo da Guiné, a “aglutinação era fortemente associada à altura da vogal”⁷ (HAGEMEIJER, 2009, p. 38). Constatava-se a seguinte relação, não absoluta, entre as vogais das palavras originais, advindas do Português Europeu, e os segmentos aglutinados na protolíngua:

Quadro 7 – Aglutinação de vogais em palavras dissilábicas do Protocioulo do Golfo da Guiné

Vogais tônicas nas palavras originais (PE)	Vogais iniciais aglutinadas nas palavras finais (PCGG)	Exemplos	
		PE	PCGG
Baixa e médias-baixas [a ɛ ɔ]	Baixa e média-baixa posterior [a ɔ]	“Pá” - [ˈpa] “fê” - [ˈfɛ] “mar” - [ˈmar] “pé” - [ˈpɛ] “nó” - [ˈnɔ]	[a]pa [a]fe [ɔ]mali [ɔ]pe [ɔ]no
[ɛ i]	[o]	“céu” - [ˈsɛw] “rio” - [ˈriw]	[o]sé; [o]lhô
Alta [u]	Alta [u]	“nu” - [ˈnu]	[u]nu

Fonte: Rocha (2018a, p. 79, segundo dados de Hagemeyer, 2009).

Além da restrição fonológica, motivadora da correspondência entre a altura da vogal tônica da palavra-base e a qualidade da vogal inicial aglutinada na protolíngua, os artigos definidos de gênero feminino (“a”) e masculino (“o”) parecem restringir essa aglutinação às vogais baixa [a], média baixa, média alta e alta posteriores [ɔ o u]. A comparação entre os sistemas decorrentes da expansão dessa língua no tempo e no espaço indica, entretanto, comportamentos singulares. Na tentativa de explicá-los, adverte Hagemeyer (2009, p. 43):

⁷ *agglutination is strongly associated to vowel height.*

Inicialmente, o protocioulo do Golfo da Guiné era essencialmente o resultado da aquisição do Português por escravos edoídes. Durante este período correspondente, em grande medida, à sociedade de habitação, houve indiscutivelmente facilidade de acesso à língua alvo (TL) e, portanto, o decalque de gênero do Português foi também capaz de satisfazer a restrição edoíde de iniciar os nomes por vogal.⁸

Atualmente, os crioulos falados na Ilha de São Tomé (Forro e Angolar) possuem um número considerável de palavras introduzidas por consoantes, indicando uma maior influência da língua de superstrato e a consequente baixa produtividade da aglutinação de vogais iniciais. Enquanto no Forro o fenômeno se limita aos itens aglutinados naquele estágio diacrônico da protolíngua; no Angolar, “a ausência dessa característica [...] sugere que esse crioulo permaneceu em contato com o Santome, depois da disseminação do protocioulo do Golfo da Guiné para Príncipe e Ano Bom”⁹ (HAGEMEIJER, 2009, p. 44). A expansão teria ocorrido primeiro em Príncipe, dando origem ao Lung’Te, um crioulo conservador quanto a uma série de características edoídes, inclusive a aglutinação, por ter se “isolado em um estágio inicial de crioulação”¹⁰ (p. 44). Como o Fad’ambô se afastou, posteriormente, o intervalo de tempo entre a separação dessas línguas justificaria o menor número de itens aglutinados no protocioulo que chegou a Ano Bom. Em outras palavras, o intervalo de tempo corresponde à expansão da sociedade de plantação e à chegada massiva de escravos falantes de línguas do grupo Banto. Para Hagemeijer, a interrupção ou diminuição da aglutinação no protocioulo não deve ser atribuída a tais escravos. Como grande parte dos nomes de origem banta se inicia por consoante, admite a possibilidade de, na aprendizagem do protocioulo, os falantes dessas línguas relacionarem “a aglutinação ao [...] artigo definido *o* e, portanto, reanalisarem a fronteira morfológica. É, contudo, mais provável que o Português seja o responsável pela reestruturação lexical”¹¹ (p. 44). Confirmam essa proposta, observações de Zamora (*apud* HAGEMEIJER, p. 44), que atestam a variação comum entre a presença e a ausência das vogais iniciais aglutinadas, em itens do Fad’ambô contemporâneo (“(o)po”, “(ô)bôyô”, “(o)man” e “(am)pan”¹²).

Na língua do Príncipe, os casos de aglutinação de [i] claramente envolvem harmonia com a vogal tônica anterior [i e e]. Há, entretanto, itens, em que a vogal aglutinada é a alta posterior, mesmo quando o segmentoônico é anterior. A fim de esclarecê-los, o estudioso sugere tratar-se de um processo diacrônico mais recente, aparentemente submetido ao seguinte padrão: se existe, na base, uma vogal anterior e vogais ou glides não arredondados, “a aglutinação de [i] é desencadeada; em todos os outros casos, a aglutinação de [u] ocorre por *default*”¹³ (HAGEMEIJER, 2009, p. 39). Ratifica, enfim, ocorrências de variação no Lung’Te como “idêntu ~ udêntu ‘dentro’, ifi ~ ufu ~ ifu ‘fio, arame’, usolu ~ isolu ‘sol’” (p. 39), indicando a generalização de outros padrões e a consequente substituição por [u].

As preferências por [u] no Lung’Te e por [ɔ] e [o], no Fad’ambô, apontam que, nesses sistemas, a restrição edoíde foi preservada, “a reanálise foneticamente baseada na distinção de gênero do Português se perdeu e o artigo definido masculino [...] se manteve como input para a aglutinação”¹⁴ (HAGEMEIJER, 2009,

⁸ *early proto-GGC is essentially the result of Edoid slaves acquiring Portuguese. Since this period corresponds by and large to the société d’habitation, there was arguably better access to the Target Language (TL) and therefore phonetic calquing upon Portuguese gender was additionally able to satisfy the Edoid constraint that nouns are vowel-initial*

⁹ *the absence of this feature [...] suggests that this creole still remained in contact with Santome after the spread of the Proto-GGC to Príncipe and Annobon*

¹⁰ *an early stage of creolization*

¹¹ *agglutination to the [...] definite article o and therefore reanalyzed the morpheme boundary. It is, however, more likely that Portuguese was responsible for lexical restructuring*

¹² Exemplos citados em Hagemeijer (2009, p. 44) com base na *Gramática descritiva del fa d’ambô* elaborada por Zamora (Barcelona: CEIBA, 2010).

¹³ *[i]-agglutination is triggered; in all the other cases, [u]-agglutination occurs by default*

¹⁴ *reanalysis phonetically based on the Portuguese gender distinction was lost and that the [...] masculine definite article was retained as input for agglutination*

p. 43-44). No entanto, enquanto a aglutinação no Fad'ambô parece remeter ao mesmo processo de harmonia encontrado no protocrioulo do Golfo da Guiné (p. 38), no Lung'Ie, a aglutinação de [u] parece reproduzir outros processos previamente existentes no substrato Edo.

Em suma, a assimilação e a harmonia vocálicas (de altura e/ou ATR) são fenômenos comuns a todos os crioulos do Golfo da Guiné (p. 37) que coexistem, nas ilhas de São Tomé e Príncipe com o Português.

A Harmonização Vocálica no Português de São Tomé

Rocha (2018a) propõe-se a analisar o comportamento das vogais médias pretônicas no Português de São Tomé, avaliando influências sociais, estruturais, lexicais e de contato multilinguístico nos processos de alçamento/manutenção de timbre na pauta acentual em questão, com base em outras abordagens sobre o mesmo tema nas variedades brasileiras e europeias da Língua Portuguesa. Visa, ainda, a determinar se o quadro vocálico do PST se insere em um *continuum* afro-brasileiro, afro-europeu ou se constitui um sistema linguístico particular. O *corpus* que serve de base à investigação inclui dados extraídos das entrevistas que constituem as amostras do Projeto VAPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Trata-se de 17 inquéritos, do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), efetuados pelo Professor Doutor Tjerk Hagemeijer com indivíduos residentes na Ilha de São Tomé, falantes de Português como L1, distribuídos por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade.

A amostra geral apresenta **11.179** ocorrências. Delas, 6.643 dados, ou seja, 59,4%, referem-se à vogal /e/. Concentrar a investigação nas pronúncias [i] e [e] reduziu o número inicial a **5.915** casos, distribuídos por variante, conforme o Quadro 8.

Quadro 8 – Distribuição das ocorrências de alçamento e de manutenção da vogal /e/ na variedade urbana do PST

Variantes	Exemplos	Oco.	%
[i]	[i]xemplo, p[i]ssoa, [i]mprego, [i]scola	3.371	57
[e]	dif[e]rente, [e]conomia, r[e]alidade	2.544	43

Fonte: Rocha (2018a, p. 125).

Postularam-se as hipóteses de maior incidência da pronúncia alta quando a vogal está no início de palavra: i) em sílabas desprovidas de ataque e de coda; ii) naquelas cuja posição de ataque está disponível e a coda é preenchida por /S/ ou /N/; e iii) na sequência /deS/ (prefixal ou não). Além desses ambientes, cogitou-se a maior probabilidade de elevação nas vogais inseridas em contextos de hiato; e nos itens “depois” e “pessoa(s), pessoal”. Todos os casos listados foram desconsiderados da última análise, quer por alto índice de elevação ou de manutenção, quer por baixa produtividade. A amostra final avaliou, então, **3.334** ocorrências de vogal média não recuada, redistribuídas entre as variantes [i] e [e] no Quadro 9:

Quadro 9 – Redistribuição das ocorrências de alçamento e de manutenção da vogal /e/ na variedade urbana do PST

Pretônica anterior	Exemplos	Oco.	%
[i]	apar[i]cer, m[i]lhor	1.216	36.5
[e]	qu[e]rer, d[e]v[e]ria	2.118	63.5

Fonte: Rocha (2018a, p. 128)

A rodada eleita (*input* .42 e significância 0.010) estabeleceu como variáveis mais influentes na elevação de /e/, respectivamente: vogal da sílaba seguinte, modo de articulação da consoante precedente, modo de articulação da consoante do ataque subsequente, ponto de articulação da consoante do ataque subsequente, proximidade de uma vogal alta na palavra, classe gramatical do vocábulo, escolaridade dos informantes, natureza da atonicidade, faixa etária dos informantes, sexo/gênero dos informantes e frequência de uso do Forro.

Como se verifica, descartados os contextos (semi)categoricos, o condicionamento mais determinante para o alteamento de /e/ na fala urbana do Português de São Tomé é a qualidade da vogal da sílaba contígua à pretônica, cujos fatores e seus respectivos índices distribuem-se no Quadro 10:

Quadro 10 – Índices de alçamento da vogal pretônica /e/ em função da variável *Tipo de vogal contígua* na variedade urbana do PST

Variável <i>Tipo de vogal contígua</i>		Exemplos	[i]		
			Oco.	%	P.R.
Vogal tônica/átona (oral/nasal/nasalizada)	Altas (homorgânica e não homorgânica)	seguinte, República	550/1.088	51	0,55
	Médias-altas	diferença, depois	457/1.290	35	0,54
	Baixas (médias-baixas e baixa)	levantamento, espero, melhora	209/956	22	0,39

Fonte: Rocha (2018a, p. 129).

A princípio, cogitou-se a influência das diferentes alturas da vogal contígua e, ainda, da homorganicidade e da não homorganicidade das altas, na manifestação do alçamento da pretônica /e/. No entanto, a constatação de comportamentos semelhantes permitiu redistribuí-las em três graus de abertura: altas (homorgânicas e não homorgânicas), médias-altas e baixas (médias-baixas e baixa). Embora com pesos relativos muito próximos da neutralidade (p.r. 0,50), a pronúncia [i] foi mais provável se, na sílaba contígua, houver uma vogal alta (homorgânica ou não) (p.r. 0,55) ou vogais médias altas (p.r. 0,54). Por outro lado, a contiguidade com segmentos baixos favoreceu a manutenção de timbre em /e/ (p.r. 0,38).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, os estudos variacionistas sobre o vocalismo pretônico nas variedades urbanas brasileira e santomense do Português aqui consideradas indicaram o predomínio da manutenção de timbre em detrimento da elevação. Descartados os contextos em que a pronúncia [i] é (semi)categorica, a variável mais influente para a aplicabilidade da regra de alçamento em Yacovenco (1993) e em Rocha (2013, 2018a, 2018b) é o tipo de vogal contígua. Os três estudos observaram o timbre da vogal da sílaba seguinte à pretônica /e/. No entanto, enquanto Yacovenco (1993) e Rocha (2013) distribuíram as vogais altas em homorgânicas e não homorgânicas, Rocha (2018a) agrupou esses segmentos em um único fator. Além disso, enquanto Yacovenco (1993) se limitou a observar a influência das vogais tônicas em contexto subsequente e ressaltou os timbres alto, baixo e médio, Rocha (2013) distribuiu as variantes quanto ao acento (tônicas e átonas) e restringiu os timbres a alto e não alto. Finalmente, Rocha (2018a) agrupou segmentos tônicos e átonos e apresentou três possibilidades de timbre: alto, médio-alto e baixo (médio-baixo e baixo).

Descartadas as peculiaridades de cada estudo no que tange à variável ressaltada, todas as investigações enfatizaram a vogal alta contígua como o fator mais influente na elevação da média anterior, confirmando a relevância da harmonização com o traço alto da vogal contígua na aplicabilidade da regra. No PB, a

homorganicidade é ainda outro fator de referência, uma vez que a vogal [i] se destacou mais do que [u] tanto em Yacovenco (1993) quanto em Rocha (2013). Na fala urbana santomense, essa distinção parece não ser tão relevante, pois tais dados foram agrupados em uma única variante e o alçamento se destacou quando, na sílaba subsequente à pretônica, as vogais [i] ou [u] (acentuadas ou não) sucedem /e/ (0,55). Assim, a manifestação do processo de harmonização vocálica nos estudos analisados sobre o PB e sobre o PST, bem como nas observações sobre os crioulos do Golfo da Guiné, parecem confirmar a hipótese de proximidade entre crioulos de base portuguesa e os falares fluminense e santomense, no que toca à insubmissão à regra de redução, predominante no PE (cf. MARQUILHAS, 2003, p. 7).

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 [1920].
- BISOL, L. A. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BISOL, L. A. A neutralização das átonas. *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003.
- BRANDÃO, S. F.; CRUZ, M. L. C. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, V. de A. (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005. p. 299-318.
- BRANDÃO, S. F.; ROCHA, F.M. V. ; SANTOS, E. R. Vogais médias pretônicas em início de vocábulo na fala do Rio de Janeiro. *Letras & Letras: Estudos em Fonologia*, Uberlândia, v. 28, p. 244-257, 2012.
- CALABRESE, A. Metaphony in Salentino. *Rivista di Grammatica Generativa*, Veneza, v. 10, p. 9-10, 1985.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 5, p. 151-162, 1986.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre, v. 18, p. 71-78, 1991.
- CAMARA JR, J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- CAMARA JR, J.M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CARDOSO, S. As vogais pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, V. de A. (org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Editora da UEL, 1999. p. 93-124.
- CARMO, M. N. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.
- COLLISCHONN, G.; SILVA, M. Elevação das médias pretônicas por harmonia: questões teóricas e empíricas. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 1-14, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3qcUJqq>. Acesso em: 20 nov. 2017.

- FERRAZ, L. I. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.
- FERRAZ, L. I. Portuguese creoles of West Africa and Asia. In: GILBERT, G. G. (ed.). *Pidgin and creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawai Press, 1987. p. 337-360.
- GRAEBIN, G. de S. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- HAGEMEIJER, T. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In: ABOL, E.; SMITH, N. (ed.). *Complex processes in new languages*. Amsterdam; Filadélfia: John Benjamins, 2009. p. 29-50.
- HAGEMEIJER, T. O Português em contacto em África. In: MARTINS, A. M.; CARRILHO, E. (ed.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Frankfurt; Leipzig: Deutsche Nationalbibliothek, 2016. p.43-67.
- HORA, D. da; SANTIAGO, S. Vogais pretônicas no Norte do Brasil: o falar de Macapá. In: RAMOS, J. (ed.). *Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: UFRMG, Faculdade de Letras, 2006. p. 21-36.
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Oxford: Blackwell, 1972.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. v.1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. v. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 2001.
- MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretônicas. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (ed.). *Razões e emoção*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2003. p. 7-18.
- MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].
- OLIVEIRA, M. A. Variação fonológica: o indivíduo e a comunidade de fala. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGLP – UNESP, 8., 2008, Araraquara. (Apresentação oral).
- ROCHA, F. de M. V. da. *O comportamento das vogais médias pretônicas na fala de Nova Iguaçu*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ROCHA, F. de M. V. da. *O sistema vocálico do Português de São Tomé e o comportamento das vogais médias em contexto pretônico*. 2018. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018a.
- ROCHA, F. de M. V. da. A pretônica /e/ na variedade urbana do Português de São Tomé. In: Grupo de Trabalho de Sociolinguística do XXXIII ENANPOLL, UFMT, Cuiabá, 2018b. (Apresentação oral).

- SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (ed.). *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.
- SILVA, M. B. da. Um traço regional na fala culta de Salvador. *Organon*, Porto Alegre, v. 18, p. 79-89, 1991.
- SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1988.
- SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- TEIXEIRA, J. A. O falar mineiro. *Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, 1938.
- TEYSSIER, P. *A história da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1980.
- VIEGAS, M do C. *O alicamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.
- YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.